

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Brasília Class.: Missões
Data: 08/07/84 Pg.: 13000008

Missão indigenista, mal necessário?

Kátia Aguiar

A presença de missionários cristãos no Brasil, quer de origem católica ou não, desde os tempos da descoberta do País, gera discussões e, na verdade, para a população-alvo, os índios, essa atividade traz algumas vantagens, mas também grandes prejuízos.

A atomização da cultura indígena com a imposição pelos brancos de seus costumes e crenças — por exemplo — já foi reconhecida por parte desses missionários, os católicos — da ala liberal da Igreja — e os que compõem o Grupo de Trabalho das Missões Evangélicas: lutaremos, metodistas e presbiterianos.

A partir do encontro dos antropólogos em Barbados, em 1971, essas missões evangélicas se colocaram numa postura mais ecumênica, respeitando as religiões nativas e realizando um trabalho de conscientização dos direitos dos índios, deixando de lado a catequese.

Conflitos

No entanto, os batistas, os pentecostais, os adventistas e os membros das Assembléias de Deus, permanecem cren-do na necessidade de levar a palavra do Senhor, contida nas Escrituras, a esses povos, o que gera, muitas vezes, conflitos entre os próprios missionários e confusão entre os índios.

Com sede em Brasília, o grupo de representantes dessa outra visão faz parte do Summer Institute of Linguistics (SIL), já expulsos de países como o México, Panamá e Peru, entre outros, proibido de atuar em nosso País durante um certo período, e gravemente acusado no Equador e na Colômbia pelos antropólogos locais por suas atividades consideradas suspeitas de envolvimento com os interesses da CIA (Agência Central de Inteligência, dos EUA), no mundo.

O Summer Institute of Linguistics, tem o objetivo de realizar estudos comparativos e descritivos das línguas ágrafas para reduzi-las à forma escrita, com a motivação religiosa de levar às tribos as Escrituras, pois para os que compõem o Sil sem a palavra escrita de Deus, que precisa ser lida e proclamada, ninguém tem a salvação de sua alma.

O Sil foi fundado em 1934, no Sul dos Estados Unidos, pelos missionários protestantes Leonard Leghters e Willian Townsend. No ano seguinte eles iniciaram sua expansão pelo mundo, começando pelo México. Em 1956 o grupo chegou ao Brasil atendendo a convite do — hoje extinto — Serviço de Proteção ao Índio e do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, e já conseguiu traduzir o Novo Testamento, completo, em seis línguas indígenas diferentes. Em todo o mundo essas traduções já ultrapassaram 200, e o Sil espera para este ano a escrita de mais três ou quatro, em nosso país.

Com cinco mil missionários atuando em mais de 40 países, somente no Brasil estão 225 destes que não atuam apenas nos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo, por duas questões: ou os indígenas locais esqueceram sua língua ou estão muito aculturados.

Sempre preferindo evitar comentários em torno de assuntos considerados de ordem política «por ser estrangeiro», um dos membros do Sil, o batista norte-americano James Wilson defende a demarcação das terras indígenas como forma de «garantir a sobrevivência do índio até o final do século, o que considera um trabalho difícil» e acusa o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), da Igreja Católica, de ser «infiltrado por elementos radicais», criando problemas para a Funai e outras entidades do governo com sua atuação na conscientização dos índios de defesa dos seus direitos, inclusive dos direitos à terra.

— Criar problemas não ajuda o índio. Ele precisa de assistência e não de aborrecimentos, diz James Wilson. Ele acredita que tanto índios quanto fazendeiros devem sempre entrar em acordo, «porque afinal os fazendeiros também são gente, e também têm direito à terra».

James Wilson, não soube, no entanto, se posicionar frente à informação de que há poucos meses o presidente da Federação da Agricultura, da Bahia, — considerado um dos maiores latifundiários do Estado — exigiu do ministro do Interior, Mário Andreazza, a expulsão dos índios Pataxó das terras que lhes pertencem desde antes da descoberta do País, e delimitadas pelo extinto SPI, ameaçando, caso isso não fosse feito, de usar armas de fogo contra os silvícolas. É que ele e outros grileiros têm plantações de cacau naquela área dos índios.

O Cimi rebate as acusações de radicalismo do Summer Institute afirmando que «esse é o mesmo discurso de todos os que fazem, na verdade, uma política contrária aos interesses indígenas».

— Mas — prossegue o Cimi, através do seu secretário-adjunto, Benedito Prêzia — o que nós tranquiliza e dá certeza de que estamos no bom caminho é o avanço da organização indígena, e nossa proposta libertadora tem por fim não apenas fazer com que os índios tenham sua alma salva, mas que também consigam sobreviver.

— Mesmo que o Summer não tenha vinculação com a Agência de Informações dos Estados Unidos, a CIA, conforme se diz, a carga ideológica jogada sobre os índios consegue alcançar os objetivos daquela organização no mundo e também das multinacionais aqui instaladas. O Summer prima por um «apoliticismo» não incentivando os índios na luta pelos seus direitos, o que afinal é uma postura política porque, ao se omitirem, tomam a posição do dominador, salienta o secretário do Cimi, que ressalva, no entanto, a qualidade do trabalho científico do instituto.

Métodos

Ele acredita que a diferença de concepção de método de ação entre as diversas missões prejudica os índios causando divisão entre as tribos, e lembra que os Terena, por exemplo, têm em suas aldeias missões presbiterianas, católicas, e da Assembléia de Deus, e insiste no fato de que para eles «o importante não é apenas ler a palavra de Deus, mas ter uma terra onde morar, manter suas tradições, conseguir se manter como grupo, com direito à existência e individualidade próprias, conservando seus valores culturais tradicionais».

O Summer nega que se localize em áreas de extração mineral, ou de interesse estratégico. Esse instituto já foi acusado de fazer contrabando de diamantes, ouro e pedras preciosas, mas segundo o Cimi, no Brasil eles estão, entre outras localidades, na área do projeto Grande Carajás, com os índios Guajajara; no Pará com os Sateré-Maué, onde a Elf Aquitaine pesquisou petróleo e, no Mato Grosso, junto aos Kaiabi, onde vai ser construída uma hidrelétrica.

— Como «por acaso» as missões do Summer estão em áreas estratégicas? No México, por exemplo elas se localizaram na fronteira com Honduras, área de infiltração das forças americanas que queriam desestabilizar aquele país e a Nicarágua, questiona Benedito Prêzia.

No ano de 1975, de acordo com a revista Cadernos do 3º Mundo, número 50, o 1º Congresso da Associação Nacional de Trabalhadores da Arte, do Peru, exigiu do governo a expulsão do Summer, após denúncias de que seus membros realizavam experiências e práticas anticonceptivas entre os indígenas, e os camponeses qualificaram de ação antinacional as atividades do instituto que, na época, já dispunha de uma rede de estações de rádio e de uma frota de aviões e lanchas para desenvolver seu trabalho.

Apesar das denúncias, e de terem sido expulsos de vários países, esses protestantes afirmam que seus interesses são eminentemente técnico e religioso, e o Cimi, lamenta que «eles não utilizem seus instrumentos de saber para uma real libertação dos grupos indígenas».



Os pontos indicam os locais de atuação das missões catequéticas estrangeiras e do CIMI